

## A presença da poesia participante em *Crisálidas*

Vagner Leite Rangel (Mestrando, UERJ; Pesquisador Júnior, RGPL)

**Resumo:** *A partir do clássico A juventude de Machado de Assis, de Jean-Michel Massa (2009), que pesquisou minuciosamente a trajetória intelectual de Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908), e da Formação da literatura brasileira, de Antonio Candido (2013), que definiu a poesia política como poesia participante, apresentaremos a presença da poesia participante no primeiro livro de poesias de Machado de Assis, Crisálidas. Se a poesia participante é política e esse livro data de 1864, isso significa que a publicação de Crisálidas materializa a visão política do poeta Machado de Assis. Essa conclusão mostra que o célebre absentismo do autor é um equívoco, ou, como observa Massa, não podemos compreender que a posição assumida pelo autor em sua maturidade seja congênita.*

**Palavras-chave:** Século XIX, romantismo, literatura brasileira, Machado de Assis, Poesia, *Crisálidas*.

**Abstract:** Based on the classic *A juventude de Machado de Assis*, by Jean-Michel Mass (2009), who thoroughly researched the intellectual history of Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908), and *Formação da literatura brasileira*, by Antonio Candido (2013), who defined the political poetry as engaged poetry, we will present the presence of the this kind of poetry in *Crisálidas*, Machado de Assis's first poetry book. This presence proves that Machado de Assis so-called political abseenteism may be true as for his so-called "segunda fase" but does not apply for his youth writings.

**Keywords:** XIX Century, Romanticism, Brazilian Literature, Machado de Assis, Poetry, *Crisálidas*.

*Crisálidas é a síntese, sob forma poética, das experiências pessoais do escritor em todos os setores a que a cultura e, mais ainda, os acontecimentos ou a paixão, o conduziram.*

Jean-Michel Massa

### Introdução

É bem verdade que os versos de *Crisálidas* estão aquém dos versos de *Espumas flutuantes*. Conforme observa Jean-Michel Massa (2009), Machado de Assis não tinha a fluência e potência poéticas de um Castro Alves. Sua arte poética era menos espontânea e mais disciplinada. Todavia, essa observação de cunho comparatista não autoriza os estudos literários a proferirem juízos generalizantes a respeito do livro: "Sem análise prévia, *Crisálidas* é evocado pela crítica em termos gerais." (MASSA, 2009, p. 357) E assim tem sido. O propósito desse estudo é contribuir para diminuir a defasagem entre o romancista, contista e poeta Machado de Assis.

Em *Formação da literatura brasileira*, Antonio Candido sintetiza com primor o momento em que a política se tornou mote poético:

Esse decênio de 1860 (...) estimula os sentimentos cívicos com a inauguração da estátua de Pedro I, “a mentira de bronze”; com o caso Christie; a Guerra do Paraguai; o início da agitação abolicionista e republicana. Marcam-no a virada nas eleições de 1860, a cisão radical dos liberais em 1868, a fundação do Partido Republicano em 1870. De ponta a ponta, percorre-o uma onda de poesia *participante*, que vai eclodir no assomo admirável de Castro Alves. (CANDIDO, 2013, p. 563).

A onda política da “poesia participante” (CANDIDO, 2013, p. 563) não se restringiu à publicação de *Crisálidas*. Na verdade, a pesquisa minuciosa de Massa (2009) mostra que ela chegou primeiro à enseada do teatro de Machado de Assis: a renda da apresentação das peças teatrais do autor foi utilizada para a libertação de escravos, por mais de uma vez, no referido decênio:

Sinal de sucesso, a peça foi representada diversas vezes em São Paulo, entre 1862 e 1864. Gabriela Cunha, por exemplo, representou-a nessa cidade em setembro e em outubro de 1862 e uma vez em “benefício para uma liberdade”. [as aspas são referências ao trecho da notícia publicada no *Correio Paulistano* em 29 de setembro de 1862]. De vez em quando a renda de uma representação teatral era utilizada para libertar um escravo. Assim, *O caminho da porta* e Machado de Assis contribuíram, pelo menos simbolicamente, para a diminuição do número de escravos no Brasil. (MASSA, 2009, p. 280).

Esse dado, além de negar a tese do absentismo político de Machado de Assis, pelo menos no que se refere à juventude do autor, dá a dimensão daquela onda, que não foi pequena e parece ter sido surfada por ele desde a publicação de “O passado, o presente e o futuro da literatura brasileira” (1858), quando adere ao Romantismo brasileiro e ao projeto de formação cultural do país, que se tornara independente recentemente. Nele, Machado de Assis, seguindo os passos de Ferdinand Denis e Almeida Garret, entende o teatro, o romance e a poesia como ferramentas formadoras da nacionalidade brasileira:

No estado atual das coisas, a literatura não pode ser perfeitamente um culto, um dogma intelectual, e o literato não pode aspirar a uma existência independente, mas sim tornar-se um homem social, participando dos movimentos da sociedade em que vive e de que depende. Esta verdade, exceto no jornalismo, verifica-se em qualquer outra forma literária. (ASSIS, 1962, III, p. 786).

Em 1858, o jovem Machado de Assis, ao aderir a causa romântica, rejeita a arte pela arte e incentiva a arte pela sociedade e a sociedade como matéria artística: “A sociedade, Deus louvado! é uma mina a explorar, é um mundo caprichoso, onde o talento pode descobrir, copiar, analisar, uma aluvião de tipos e caracteres de todas as categorias. Estudem-na: eis o que aconselhamos às vocações da época!” (ASSIS, 1962, III, p. 789)

A trajetória intelectual do jovem oferece exemplos de aproximação do ideal poético do político. *Crisálidas*, publicado em 1864, participa daquele movimento descrito por Candido, e de cujos exemplos de literatura e política os textos críticos de Machado de Assis dão testemunho eloquentes: “Ideias sobre o teatro” (1865) e “O jornal e o livro” (1859). Para usar um termo contemporâneo, sobretudo a partir das considerações de Jean-Paul Sartre (2004), em *Que é a literatura?*, são textos em que Machado de Assis, engajando a palavra, o livro, o jornal, o teatro, o romance e a poesia, entende que o homem de letras é um homem engajado em questões sociais e políticas – se é que é preciso fazer tal separação.

Para Jean-Michel Massa, “(...) ao lado do homem de letras, começava a nascer o cidadão que participava energeticamente da vida pública do seu país. Para ele, essa atitude era consequência da outra.” (MASSA, 2009, p. 208) Ser um literato era também ser um homem politicamente ativo na vida pública. Aqui percebemos claramente a filiação de Machado de Assis à francofilia e aos ideais do Romantismo brasileiro. Porque, em 1858, embora tenha citado Chateaubriand, ele se mostra mais preocupado com questões artísticas do que com questões sociais. A partir dos referidos textos, observa-se um certo equilíbrio à medida em que arte e sociedade – aquela tendo uma certa responsabilidade sobre essa – se tornam preocupações do autor.

Observaremos, em *Crisálidas*, a presença da poesia participante em Machado de Assis. O termo presença explica-se pela variedade de temas encontrados no primeiro volume de poesias do autor. Conforme anunciado no excerto-epígrafe de Jean-Michel Massa, “*Crisálidas* é a síntese, sob forma poética, das experiências pessoais do escritor em todos os setores a que a cultura e, mais ainda, os acontecimentos ou a paixão, o conduziram.” (MASSA, 2009, p. 356) Destacaremos, para tanto, dois poemas sintomáticos daquela onda política que chegara ao Brasil depois de nossa independência política em 1822: “Epitáfio para o México” e “Polônia”. A fim de dar conta da proposta de salientar a presença da poesia participante em *Crisálidas*, privilegiaremos os aspectos temáticos dos referidos poemas, deixando assim de lado o formal.

### **1. *Crisálidas*: “Epitáfio para o México”**

Do latim *epitaphius*, epitáfio significa um tipo de elogio, breve e póstumo, que funciona como homenagem. Em literatura, os dicionários informam que o termo expressa um discurso elegíaco a respeito da morte de alguém ou até mesmo um discurso que satiriza alguém vivo como se estivesse morto. Em “Epitáfio para o México”, nota-se as duas camadas semânticas da palavra.

Na primeira estrofe, o poeta, provavelmente a partir da notícia da derrota mexicana na imprensa carioca, lamenta a vitória dos Estados Unidos da América, uma vez que o exército estadunidense tinha como objetivo dar conta da política expansionista:

Dobra o joelho: — é um túmulo.  
Embaixo amortalhado  
Jaz o cadáver tépido  
De um povo aniquilado;  
A prece melancólica  
Reza-lhe em torno à cruz.  
(ASSIS, III, 1962, p. 22).

A crença no Destino Manifesto alimentou a política expansionista e intervencionista dos Estados Unidos da América, no século XIX. Anexaram o território do Texas, em 1836, e depois, com a vitória na guerra contra o México, que durou de 1846 a 1848, tomou metade do território mexicano. Segundo a enciclopédia Britânica, seis estados foram destituídos do México: Utah, Nevada, Arizona, Califórnia, Novo México, e parte do oeste do Colorado, além do Texas.<sup>1</sup> O número de estados anexados à força dá uma ideia da desproporção entre os exércitos e a ambição da ideologia do Destino Manifesto. É então que o poeta oferta ao “povo aniquilado” e “amortalhado” a sua “prece melancólica”.

A segunda estrofe do epitáfio mostra a perplexidade do poeta mediante a incongruência daquela batalha:

Ante o universo atônito  
Abriu-se a estranha liça,  
Travou-se a luta fêrvida  
Da força e da justiça;  
Contra a justiça, ó século,  
Venceu a espada e o obus  
(ASSIS, III, 1962, p. 22).

Os versos finais da segunda estrofe denunciam a conquista sem glória (“mácula” e “Seus louros murchará”) dos Estados Unidos, pois tratava-se de “força indômita” contra a justiça e os direitos republicanos:

Venceu a força indômita;  
Mas a infeliz vencida  
A mágoa, a dor, o ódio,  
Na face envilecida  
Cuspiu-lhe. E a eterna mácula  
Seus louros murchará.  
(ASSIS, III, 1962, p. 22).

---

<sup>1</sup> Disponível em: < <http://escola.britannica.com.br/article/481892/Guerra-do-Mexico> > Acessado em 26 de abril de 2015.

Não há dignidade em tal empreendimento americano. Ao invés de louros, vergonha, mancha e lastima são as marcas da guerra contra o México. Conseqüentemente, o poeta vislumbra um futuro em que os homens farão justiça ao povo mexicano:

E quando a voz fatídica  
Da santa liberdade  
Vier em dias prósperos  
Clamar à humanidade,  
Então revivo o México  
Da campa surgirá.  
(ASSIS, III, 1962, p. 22).

Não há prosperidade, segundo o poeta, sem respeito aos direitos de outra nação – “a santa liberdade”. A visão de mundo romântica, como se vê, não concorda com a visão absolutista da política dos Estados Unidos. Para o Romantismo e seus defensores, não há dignidade sem respeito à particularidade dos povos e ao seu direito à liberdade. É isso o que observaremos também em “Polônia”.

### **3. Polônia**

Poema sem rima e desenvolvido em cinco estrofes, os versos dedicados a “Polônia” seguem a mesma linha de raciocínio que encontramos anteriormente. Mas, dessa vez, a guerra contra a liberdade de um povo se passa no continente europeu. E não importa que o poeta seja americano, pois ele, antes de tudo, é humano – “Pobre nação! – é longo o teu martírio; A tua dor pede vingança e termo;” (ASSIS, 1962, III, p. 24)

O império russo, não respeitando o direito à liberdade da Polônia, não tem o respeito do poeta brasileiro, que, não aceitando que a liberdade natal esteja sob o poder estrangeiro, avalia o empreendimento russo como sinônimo de ambição desmedida:

Eras feliz demais, demais formosa;  
A sanhuda cobiça dos tiranos  
Veio enlutar teus venturosos dias...  
Infeliz! a medrosa liberdade  
Em face dos canhões espavorida  
Aos reis abandonou teu chão sagrado;  
Sobre ti, moribunda,  
Viste cair os duros opressores:  
Tal a gazela que percorre os campos,  
Se o caçador a fere,  
(ASSIS, 1962, III, p. 22).

A história dos homens mostra ao poeta que a tragédia americana se repetia no Velho Mundo porque o exército polonês não estava à altura do exército russo. Ao primeiro, cabia se defender bravamente, mas, tamanha era a força do inimigo que:

Cai convulsa de dor em mortais ânsias,  
E vê no extremo arranco  
Abater-se sobre ela  
Escura nuvem de famintos corvos.  
Preso uma vez da ira dos tiranos,  
Os membros retalhou-te  
Dos senhores a esplêndida cobiça;  
Em proveito dos reis a terra livre  
Foi repartida, e os filhos teus — escravos —  
Viram descer um véu de luto à pátria  
E apagar-se na história a glória tua.  
(ASSIS, 1962, III, p. 22-3).

Sob o império russo, não há cidadãos poloneses, tão só escravos russos. Sem a restituição da pátria, símbolo da liberdade de um povo, não há dignidade. É então que a fé cristã encoraja o poeta brasileiro, assim como encorajara o polonês, cujos versos estão citados como epígrafe do poema de Machado de Assis: “E ao terceiro dia a alma deve voltar ao corpo, e a nação ressuscitará.” (ASSIS, 1962, III, p. 22)

O poeta polonês se chama Adam Mickiewicz (1798-1855). Célebre por ter sido preso e exilado por fomentar o nacionalismo polonês, Mickiewicz publicou, no exílio, *Sonetos da Crimeia*. Engajado em questões sociais, Mickiewicz foi ativista político, professor de disciplinas republicanas, líder de grupo de estudo sobre a questão nacional de povos colonizados e defensor das ideias cristãs. Ideologicamente, a epígrafe de “Polônia” mostra a filiação de poeta brasileiro ao ideal defendido pelo poeta polonês.

Como ensina Candido (2013, p. 286), “(...) o Romantismo aparece realmente com o Cristianismo (...)” e “(...) a literatura exprime condições locais, o espírito nacional, dependente da raça e das tradições.” Partilhando dessa ideia, o Romantismo instaura a modernidade literária, em que o ideal particularista dos povos encontra respaldo artístico na poética romântica. É assim que, para o poeta brasileiro, não importa quem sofre com a tirania porque aquele que “(...) ama a liberdade (...) chora contigo as dores tuas;” (ASSIS, 1962, III, p. 24)

As dores do mundo moderno ocidental não deixam de ser sentidas pelo poeta nacional. Em primeiro lugar, padece com guerra “Contra a justiça” (ASSIS, 1962, III, p. 24) moderna, representada pelo México. Em segundo, olhando para o continente europeu percebe que “De novo entre o direito e a força bruta / Empenhou-se o duelo atroz e infausto/ Que a triste humanidade/ Inda verá por séculos futuros.” (ASSIS, 1962, III, p. 23)

## Conclusão

Não deixando de ser, em partes, manifestação do ideal romântico de libertação do particular em relação ao império do universal, *Crisálidas* traz mais dois poemas, um de abertura e outro de fechamento, sintomáticos da adesão de Machado de Assis às ideias difundidas e defendidas pela escola romântica, sobretudo a francesa: “Musa Consolatrix” e “Última folha”. Não por acaso, o primeiro poema vê a Musa como refúgio e inspiração para o homem de letras, enquanto o segundo pede que as Musas não o abandonem em pleno “(...) vão rumor dos homens;” (ASSIS, 1962, III, p. 38) Para Massa, “O escritor brasileiro reteve de Victor Hugo o conceito de que o poeta é um mago cujo gênio devia guiar o povo. A oposição entre vida íntima e a vida pública também se esfumaça.” (MASSA, 2009, p. 357). Acresce que também a nacionalidade enquanto dispositivo que particulariza uma determinada região do mapa não significa imparcialidade ou indiferença em relação às “dores” de outros cidadãos do mundo. Adotando a francolifia e à poesia participante, o poeta Machado de Assis se põe à escuta dos rumores dos homens, seja ele vão, como julga ser o dos Estados Unidos e da Rússia, ou justo, como julga ser o do México e da Polônia.

O ideal romântico da poesia militante, personificado por Hugo na França e por Castro Alvres no Brasil, está sendo evocado pelo poeta nas páginas iniciais e finais de *Crisálidas*. O auxílio pedido às Musas para enunciar seu canto parece abrir o livro para que o poeta possa entoar seus cantos contra o imperialismo das nações poderosas. No meio do livro, encontramos “Epitáfio do México” e “Polônia”. O poeta parece então entender que as nações opressoras são como pedras no meio do caminho da libertação mexicana e polonesa. Pedras porque se impõem através da força de seus exércitos, mas, conforme a transposição poética de Machado de Assis, a força da pedra não significa dignidade à vitória americana e russa, porquanto o imperialismo parece incompatível com a modernidade reclamada pelo Romantismo. Em lugar de dignidade, a vitória da força deixa máculas na própria pedra que se chocou contra as esperanças hasteadas pelas bandeiras mexicana e polonesa – símbolos do ideal romântico, que é moderno.

No referido capítulo da *Formação*, não há nenhuma menção à participação de Machado de Assis na poesia participante. Entretanto, como tentamos demonstrar, no que se refere ao decênio de 1860, poderíamos falar de poesia e até de teatro participantes, visto que o autor foi um homem de letras militante nas diversas áreas em que atuou: na poesia e no teatro, isso para não mencionar a questão do livro e da

imprensa, cuja militância no *Diário do Rio de Janeiro* foi, como nos informa Jean-Michel Massa (2009), motivo de censura. Leiamos um trecho assinado pela pena do poeta participante em sua coluna, *Comentários da semana*, no referido jornal, que foi motivo de censura:

Aqui não de me perdoar. De um ato do nosso governo só a China poderá tirar lição. Não é desprezo pelo que é nosso não é desdém pelo meu país. O país real, esse é bom, revela os melhores instintos; mas o país oficial, esse é caricato e burlesco. A sátira de *Swift* nas suas engenhosas viagens cabe-nos perfeitamente. No que diz respeito à política, nada temos a invejar ao reino de Liliput. (ASSIS, 1938, p. 25) .

Sendo a censura outra história, basta dizer que ela e esse excerto dão uma boa ideia da força daquela onda, que simboliza o ideal romântico que chegara ao Brasil, e da militância de Machado de Assis no referido decênio. Priorizando o aspecto temáticos dos dois poemas apresentados de *Crisálidas*, objetivamos mostrar que o termo poesia participante descreve, não o livro porquanto há outros temas, mas essas amostras e o engajamento do autor. Como vimos, até mesmo o teatro machadiano poderia ser considerado participante, devido à conversão da renda da apresentação em pagamento da liberdade de escravos. Todavia, seria um bom começo reconhecê-lo como poeta participante.

### **Referências bibliográficas**

ASSIS, Machado de. *Obras completas*. vol. I, II e III. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1962.

ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Edições W. M. Jackson, 1938. Disponível em <<http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/cronica/macr01.pdf>> Acessado em 07 mai. 15

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira* (vol. II). Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia, 1993.

MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis, 18399-1870: ensaio de biografia intelectual*. São Paulo: UNESP, 2009.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?*. São Paulo: Ática, 2004.